

# O Livro de Daniel - Número Cinquenta e Um

## *Palmoni: Desvendando o Mestre do Tempo e da Linguagem em Daniel e Apocalipse*

Jeff Pippenger

2024-01-15

Aquele "certo santo que falava" em Daniel, capítulo oito, versículos treze e quatorze, é Cristo como Palmoni. No livro do Apocalipse, Cristo é identificado como o Alfa e o Ômega, o que, entre outras verdades maravilhosas, o identifica como o Maravilhoso Linguista, e, juntos, os livros de Daniel e Apocalipse representam Cristo como o Mestre do tempo e da linguagem. Vai além da capacidade humana compreender o significado e a profundidade do que significa que Cristo, como Palmoni (o Numerador de Segredos), introduza esse atributo de seu caráter nos dois versículos que estabelecem o pilar central do Adventismo, mas os segredos que o Numerador de Segredos escolhe revelar são nossa responsabilidade reconhecer e defender.

As coisas encobertas pertencem ao Senhor, nosso Deus; porém as coisas reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.  
Deuteronômio 29:29.

Um segredo que foi revelado é que o Numerador dos Segredos (Palmoni) é aquele "certo santo que falava", e nos dois versículos em que Ele Se revela, é identificado o pilar central do Adventismo. Nesses dois versículos, o Maravilhoso Numerador identifica o "aumento do conhecimento" que Ele, como o Leão da tribo de Judá, deslacrrou em 1798. Nesses dois versículos, as joias do sonho de Miller, que representam o "aumento do conhecimento", foram, sob a direção da mão de Palmoni, publicadas nas duas tábuas de Habacuque.

Então ouvi um santo falando, e outro santo disse àquele certo santo que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão assoladora, para entregar o santuário e o exército, a fim de serem pisados? E ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; então o santuário será purificado. Daniel 8:13, 14.

Depois que Daniel recebeu a visão profética dos reinos da profecia bíblica e então ouviu o diálogo celestial nos versículos treze e catorze, ele procurou entender a "visão".

E aconteceu que, quando eu, eu mesmo, Daniel, tinha visto a visão e buscava o significado, então, eis que estava diante de mim um com a aparência de homem. E ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, que clamou e disse: Gabriel, faz com que este homem entenda a visão. Daniel 8:15, 16.

A "visão" que Daniel está procurando entender é a visão "chazon", mas é a visão "march" que Gabriel recebe ordem para fazer Daniel entender. Cada detalhe tem sua importância e, se esse fato for ignorado, a estrutura e a composição da passagem ficam essencialmente destruídas. No versículo quinze, quando Daniel procura entender a visão "chazon", a "march" está oculta, mas ainda representada, pois, com a "aparência de um homem" (Gabriel), a palavra hebraica "march" é

traduzida como "aparência". No versículo quinze, ambas as palavras que foram traduzidas como "visão" estão representadas. Daniel, no versículo quinze, procura entender a "chazon", mas Palmoni ordena a Gabriel, no versículo dezesseis, que faça Daniel entender a "mareh". O arranjo desses dois versículos é intencional e ressalta a conexão e a diferença entre as duas palavras.

É Palmoni quem ordena a Gabriel que faça Daniel entender o "mareh", pois Aquele que ordena a Gabriel é Aquele que está sobre as águas, e Gabriel ouviu Sua voz: "uma voz de homem entre as margens do Ulai". É o rio Ulai que corre entre as margens, e é Cristo quem está sobre as águas nas Escrituras. Além desse fato, há o de que Cristo, como arcanjo, é Aquele que comanda os anjos. A voz entre as margens é a voz de "aquele determinado santo" no versículo treze, e é Sua palavra que ordena a Gabriel que faça Daniel entender a visão "mareh". No capítulo doze de Daniel, Cristo mais uma vez está entre as margens do rio. No capítulo doze Ele está vestido de linho e jura por Aquele que vive para sempre.

Tu, porém, ó Daniel, encerra estas palavras e sela o livro, até o tempo do fim; muitos correrão de uma parte para outra, e o conhecimento se multiplicará. Então eu, Daniel, olhei, e eis que estavam ali outros dois, um deste lado da margem do rio, e o outro do outro lado da margem do rio. E um deles disse ao homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio: Até quando será o fim destas maravilhas? E ouvi o homem vestido de linho, que estava sobre as águas do rio, quando levantou a sua mão direita e a sua mão esquerda ao céu, e jurou por aquele que vive eternamente que seria por um tempo, tempos e metade de um tempo; e, quando tiver terminado de dispersar o poder do povo santo, todas estas coisas se cumprirão. Daniel 12:4-7.

O Homem que estava "vestido de linho, que estava sobre as águas do rio", "levantou a Sua mão direita e a Sua mão esquerda ao céu, e jurou por Aquele que vive para sempre", e Ele é o mesmo Homem que, no capítulo oito, ordenou a Gabriel. No capítulo dez do Apocalipse, Cristo também levantou a Sua mão e jurou por Aquele que vive para sempre, mas ali Ele está de pé tanto sobre a água quanto sobre a terra.

E o anjo que vi estar em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão ao céu, e jurou por aquele que vive para todo o sempre, que criou o céu, e as coisas que nele há, e a terra, e as coisas que nela há, e o mar, e as coisas que nele há, que não haveria mais demora. Apocalipse 10:5, 6.

O poderoso anjo do capítulo dez do Apocalipse é Palmoni, que falou a Gabriel do meio das margens do rio no capítulo oito e identificou quando o "fim" das "maravilhas" ocorreria no capítulo doze. No capítulo dez do Apocalipse, Ele é aquele que rugiu como um "leão", pois ali é representado como o Leão da tribo de Judá.

E um dos anciãos me disse: Não chores; eis o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E vi, e eis que, no meio do trono e dos quatro seres viventes, e no meio dos anciãos, estava em pé um Cordeiro, como se tivesse sido morto, tendo sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. E veio e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono. Apocalipse 5:5-7.

Como o Leão da tribo de Judá, Cristo é o Cordeiro que prevaleceu para abrir o livro que estava selado com sete selos. Quer esteja Ele andando sobre as águas no livro de Daniel, quer tenha um pé sobre o mar e o outro sobre a terra em Apocalipse, cada uma das representações proféticas está associada ao tempo profético. E, como o Leão da tribo de Judá, Cristo tanto sela quanto abre Sua Palavra. Assim como Ele selou o livro de Daniel, Ele também selou os sete trovões no capítulo dez do Apocalipse.

O poderoso anjo que instruiu João não era outro senão Jesus Cristo. Ao colocar o Seu pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra seca, Ele mostra o papel que está desempenhando nas cenas finais do grande conflito com Satanás. Essa posição denota Seu supremo poder e autoridade sobre toda a terra. O conflito vinha se intensificando e se tornando mais decidido de era em era, e continuará assim até as cenas finais, quando a atuação magistral dos poderes das trevas atingirá o seu auge. Satanás, unido a homens maus, enganará o mundo inteiro e as igrejas que não recebem o amor da verdade. Mas o poderoso anjo exige atenção. Ele clama em alta voz. Ele deve mostrar o poder e a autoridade de Sua voz àqueles que se uniram a Satanás para se oporem à verdade.

Depois que esses sete trovões fizeram ouvir as suas vozes, vem a João a ordem, assim como a Daniel, a respeito do livrinho: “Sela as coisas que os sete trovões disseram.” Estas se referem a eventos futuros que serão revelados em sua devida ordem. Daniel estará no seu quinhão no fim dos dias. João vê o livrinho aberto. Então as profecias de Daniel têm o seu devido lugar nas mensagens do primeiro, do segundo e do terceiro anjo a serem dadas ao mundo. A abertura do livrinho foi a mensagem em relação ao tempo.

"Os livros de Daniel e do Apocalipse são um só. Um é uma profecia, o outro, uma revelação; um, um livro selado, o outro, um livro aberto. João ouviu os mistérios que os trovões proferiram, mas foi-lhe ordenado que não os escrevesse.

"A luz especial dada a João, expressa nos sete trovões, foi uma delineação de eventos que aconteceriam sob as mensagens do primeiro e do segundo anjo." O Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia, volume 7, 971.

Cristo, representado como Palmoni, o Homem nos capítulos oito e doze que está sobre a água, é também o poderoso anjo com o pequeno livro na Sua mão. Ele é o Leão da tribo de Judá que sela e dessela a Sua Palavra, e é Ele quem comanda Gabriel, pois Ele é Miguel, o arcanjo.

Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava acerca do corpo de Moisés, não ousou trazer contra ele uma acusação injuriosa, mas disse: O Senhor te repreenda. Judas 1:9.

Miguel é o nome de Cristo, e esse nome representa o fato de que Ele é o comandante não apenas dos anjos, mas também aquele que tem o poder de ressuscitar. O nome Miguel significa “quem é como Deus”. Quando Nabucodonosor viu alguém semelhante ao Filho de Deus na fornalha com os três valorosos, ele viu Miguel. E o arcanjo Miguel também é o príncipe do povo de Deus, contra o qual o pequeno chifre da Roma pagã se engrandeceu na cruz, em cumprimento de Daniel, capítulo oito, versículo onze.

Mas eu te mostrarei aquilo que está anotado na Escritura da Verdade: e não há ninguém que esteja comigo nestas coisas, senão Miguel, o vosso príncipe. Daniel 10:21.

É Michael quem comanda os anjos, quem ressuscita os mortos e quem decide quando o período probatório termina.

"E naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que se levanta pelos filhos do teu povo; e haverá um tempo de angústia, como nunca houve desde que existiu nação, até aquele mesmo tempo; e naquele tempo o teu povo será libertado, todo aquele que for achado escrito no livro.' Quando esse tempo de angústia chegar, cada caso estará decidido; não haverá mais tempo de graça, nem mais misericórdia para os impenitentes. O selo do Deus vivo está sobre o Seu povo. Este pequeno remanescente, incapaz de se defender no conflito mortal com os poderes da terra que são arregimentados pelas hostes do dragão, faz de Deus a sua defesa. O decreto foi promulgado pela mais alta autoridade terrena determinando que adorem a besta e recebam a sua marca sob pena de perseguição e morte. Que Deus ajude agora o Seu povo, pois que poderão então fazer, em tão terrível conflito, sem a Sua assistência!" Testemunhos, volume 5, 212.

O segredo final que o Leão da tribo de Judá desvenda é o Apocalipse de Jesus Cristo, e inclui o fato de que Ele está no controle do desígnio e da estrutura de cada elemento de Sua Palavra profética. O Homem vestido de linho que está sobre as águas, que levanta Sua mão e jura por Aquele que vive para sempre, e que ruga como um Leão, fazendo com que sete trovões façam ouvir as suas vozes, é Ele quem sela o livro de Daniel e sela os sete trovões do Apocalipse. É Ele quem deslaca o livro que está selado com sete selos, que tem o poder de ressuscitar, e que é o grande Príncipe que se levanta e anuncia o fim do período de provação. Quando Palmoni ordenou a Gabriel que fizesse com que Daniel entendesse a visão "mareh", Ele quis dizer exatamente isso.

Ele não ordenou a Gabriel que fizesse Daniel entender a visão "chazon". A visão "chazon" é a visão dos reinos da profecia bíblica em Daniel capítulo oito, versículos de um a doze, e é também a "visão" que é mencionada no versículo treze, no contexto de uma pergunta sobre a duração. "Até quando durará a visão?" A visão "chazon" diz respeito aos poderes desoladores do diário (paganismo) e da transgressão (papalismo) que pisoteiam o santuário e a hoste.

Então ouvi um santo que falava; e outro santo disse àquele certo santo que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para entregar tanto o santuário como o exército, a fim de serem pisados? Daniel 8:13.

Cristo, como Palmoni (o Maravilhoso Contador), é perguntado "até quando" será a visão "chazon", e ele responde: "até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado." Daniel então deseja entender a visão "chazon" que diz respeito ao "sacrifício contínuo, e à transgressão da desolação, para entregar tanto o santuário quanto o exército para serem pisados aos pés." Mas é ordenado a Gabriel que faça Daniel entender a visão "mareh". Cada fato tem seu peso na Palavra de Deus. A visão "mareh" é a visão das tardes e manhãs identificada no versículo vinte e seis.

E a visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; portanto, sela a visão, porque é para muitos dias. Daniel 8:26.

A palavra "visão" é mencionada duas vezes no versículo. A primeira referência é a visão "mareh" e a segunda é a visão "chazon". A visão "mareh" é a visão de "tardes e manhãs". A expressão hebraica "tardes e manhãs" é frequentemente encontrada na Bíblia, e é sempre traduzida como "tardes e manhãs", como no versículo vinte e seis. O único lugar na Bíblia em que ela é traduzida de modo diferente de "tardes e manhãs" é no versículo catorze, onde é traduzida simplesmente como "dias". O hebraico original do versículo catorze diria: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs."

O versículo que é o pilar central do Adventismo é o único versículo na Palavra de Deus em que "tardes e manhãs" é expresso simplesmente como "dias". Todo fato tem seu peso e, no mínimo, é claro que Palmoni estava propositadamente enfatizando o versículo. Ele o fez dirigindo as mentes daqueles que traduziram a Bíblia King James a escrever a frase de modo diferente da maneira como ela é sempre escrita em Sua Palavra. O ponto a ser extraído desse fato é que, quando se ordena a Gabriel que faça Daniel entender a visão "mareh", está-se ordenando que ele faça Daniel entender a visão do aparecimento de 1844, e não a visão "chazon" a respeito de calcar aos pés o santuário e o exército.

A visão das "tardes e manhãs" diz respeito a uma aparição que ocorreu quando a purificação do santuário começou em 22 de outubro de 1844. A visão da aparição de 22 de outubro de 1844 não trata do espezinhamento do santuário, mas da purificação do santuário. Houve uma aparição profética nessa data?

“A vinda de Cristo, como nosso sumo sacerdote, ao lugar santíssimo, para a purificação do santuário, apresentada em Daniel 8:14; a vinda do Filho do homem ao Ancião de Dias, conforme apresentada em Daniel 7:13; e a vinda do Senhor ao Seu templo, predita por Malaquias, são descrições do mesmo acontecimento; e isso também é representado pela vinda do noivo às bodas, descrita por Cristo na parábola das dez virgens, em Mateus 25.” O Grande Conflito, 426.

Gabriel foi instruído a levar Daniel a entender a aparição profética de Cristo em Seu templo em 22 de outubro de 1844. Por essa razão, Gabriel deu a Daniel um segundo testemunho quanto à data de 22 de outubro de 1844, pois Gabriel guiou cada autor bíblico que registrou alguma forma do princípio bíblico segundo o qual a verdade é estabelecida pelo testemunho de dois. Se Gabriel tinha de fazer Daniel entender 22 de outubro de 1844, precisaria de um segundo testemunho para estabelecer "a visão da aparição".

Gabriel começa seu trabalho abordando primeiro o desejo de Daniel de compreender a visão "chazon", e faz isso ao identificar que a visão "chazon" é aquela que se conclui no "tempo do fim" em 1798.

E ouvi a voz de um homem entre as margens do Ulai, que clamou e disse: Gabriel, faze este homem entender a visão. Então ele se aproximou do lugar onde eu estava; e, quando chegou, tive medo e caí com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, ó filho do homem, pois a visão é para o tempo do fim. Daniel 8:16, 17.

A "visão" no versículo anterior, isto é, "no tempo do fim", é a visão "chazon", e o "tempo do fim" no livro de Daniel é 1798. Esta é a "visão" que Daniel procurara entender, mas não era a "visão" que Gabriel foi instruído a fazer com que Daniel entendesse. Para isso, Gabriel fornecerá uma segunda testemunha.

Então ele se aproximou de onde eu estava em pé; e, quando chegou, tive medo e caí com o rosto em terra; mas ele me disse: Entende, ó filho do homem, pois para o tempo do fim será a visão. Ora, enquanto ele falava comigo, caí em profundo sono, com o rosto voltado para o chão; mas ele me tocou e me pôs de pé. E disse: Eis que te farei saber o que acontecerá no último tempo da indignação, porque no tempo determinado será o fim. Daniel 8:17-19.

Gabriel inicia sua missão dizendo a Daniel: "eis", o que é instruí-lo a considerar o fato seguinte. O fato seguinte é que a "última indignação", dos dois "sete tempos" de Levítico vinte e seis, termina em 1844. A "última indignação" é diretamente identificada como uma profecia de tempo, pois tem um "tempo determinado" em que "terminará". A "indignação" deve representar um período de tempo, pois tem um "tempo determinado" para o seu fim. Se a "indignação" fosse simplesmente um ponto no tempo, ela não teria um fim; seria simplesmente o momento em que ocorreu.

A "indignação" tinha um ponto final que está assinalado, portanto representa o fim de um período de tempo. Esse período de tempo é representado como "a última indignação". Se há uma última, então deve haver uma primeira. A "primeira indignação" é identificada no capítulo onze de Daniel, e ali também é um período de tempo, pois o papado iria "praticar e prosperar" até o fim da "indignação".

E alguns dos entendidos cairão, para os provar, e purificar, e embranquecer, até ao tempo do fim; porque ainda é para tempo determinado. E o rei fará segundo a sua vontade; e se exaltará e se engrandecerá acima de todo deus, e falará coisas espantosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que a indignação seja consumada; porque o que está determinado será feito. Daniel 11:35, 36.

Nestes dois versículos, o rei que age segundo a sua vontade e se exalta é o tema. O versículo trinta e seis é o versículo que Paulo parafraseia, ao identificar o "homem do pecado" que está assentado no templo de Deus, apresentando-se como Deus. A perseguição da Idade das Trevas, do ano 538 até 1798, é identificada no versículo trinta e cinco, e continua até "o tempo do fim", que foi 1798, que era o "tempo determinado". O versículo trinta e seis então identifica que o papado "prosperaria" "até que a indignação fosse cumprida". O versículo indica que o papado prosperou até 1798, quando a primeira "indignação" havia sido "cumprida". A Palavra profética de Deus havia "determinado" que o papado continuaria por mil duzentos e sessenta anos, até 1798, que era o "tempo do fim".

A primeira "indignação" terminou em 1798, e "a última indignação" terminou em 1844. Ambas as indignações são representadas como períodos de tempo, que tiveram finais específicos, identificando-as, portanto, como profecias de tempo. Gabriel foi instruído por Palmoni a fazer Daniel compreender a visão de aparência ("mareh"), das "tardes e manhãs" (dias) que identificaram 22 de outubro de 1844, e ele o fez fornecendo uma segunda testemunha para essa data.

A visão "chazon" do versículo treze, que Daniel desejava entender, era a visão do pisoteamento que terminou no "tempo do fim" em 1798. A visão "mareh" do versículo catorze terminou com a aparição de Cristo no Lugar Santíssimo em 22 de outubro de 1844, em cumprimento da profecia de tempo de dois mil e trezentos anos, e também da profecia de tempo de dois mil quinhentos e vinte anos. Ambas essas profecias de tempo estão representadas nas tábuas sagradas de Habacuque, as quais a Irmã White identifica como tendo sido dirigidas pela mão do Senhor e não devem ser alteradas.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

"Temos muitas lições a aprender, e muitas, muitas a desaprender. Só Deus e o céu são infalíveis. Os que pensam que nunca terão de abrir mão de um ponto de vista muito prezado, que nunca terão ocasião de mudar de opinião, ficarão desapontados. Enquanto nos apegarmos às nossas próprias ideias e opiniões com determinada persistência, não poderemos ter a unidade pela qual Cristo orou." Review and Herald, 26 de julho de 1892.